

Por que retraduzir? Uma análise do caso de 1984, de George Orwell

Why retranslate? A study of the case of 1984, by George Orwell

Maria Alice G. Antunes 

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ – Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: Este artigo examina os fatores que contribuíram para que 1984 alcançasse o número inaudito de 10 (dez) retraduições em português (brasileiro) no início do ano de 2021. Através da análise das razões discutidas por teóricos contemporâneos para compreender a publicação de retraduições, interpretamos as razões que movem a retradução de uma obra vista como clássica. Nossa análise concentra-se nos paratextos: prefácios de tradutores, nas apresentações escritas por pessoas escolhidas por editores para escrever sobre a obra, sobre o autor, sobre a tradução ou sobre o projeto tradutório; e nos debates promovidos por editoras e transmitidos via YouTube que procuram promover a retradução de 1984. O estudo do caso, metodologia adotada, requer análise detalhada em especial por ser este um caso inaudito e singular, uma unidade particular e complexa. Os resultados indicam que há relação entre as causas que motivam as retraduições. Entretanto, a relação fortuita entre duas causas se sobrepõe às demais: o fato de que o autor caiu em domínio público propicia o investimento em paratextos e brindes elaborados e enfatiza a exploração comercial e econômica da associação de 1984 ao momento político vivido pela sociedade brasileira e, por que não dizer, mundial.

Palavras-chave: Retradução. Tradução. Paratextos. Estudo de caso.

Abstract: This article examines the factors that made 1984 reach the unprecedented number of 10 (ten) retranslations in (Brazilian) Portuguese at the beginning of the year 2021. We interpret the reasons that move the rewriting of a work regarded as a classic through the analysis of the reasons discussed by contemporary researchers and try to understand the publication of those retranslations. Our analysis focuses on paratexts: translators' prefaces, introductions written by individuals selected by the publishers, who write about the work, the author, the translation or the translation project; and debates promoted by publishers and broadcast via YouTube that seek to promote the retranslation of 1984. The case study, the type of methodology adopted, entails detailed analysis in particular because this is an unprecedented and singular case, a particular and complex unit. The results indicate that there is a relationship between the causes motivating the retranslations. However, the fortuitous relationship between two causes overlaps the others: the fact that the author is under public domain opens the way to the investment in elaborate paratexts and gifts and emphasizes the commercial and economic exploitation of the association between 1984 and the political moment experienced by Brazilian society and, the society worldwide.

Keywords: Retranslation. Translation. Paratexts. Case study.

Introdução

Influente, inquestionável, magistral, poderoso, contundente, incontornável, marcante e fundamental são alguns dos adjetivos utilizados nas resenhas publicadas em um sítio de comércio eletrônico sobre o romance (traduzido) 1984, de George Orwell, que teve no mínimo 11 (onze) retraduições publicadas no Brasil desde 2009. A obra, publicada originalmente em inglês em 1949, foi traduzida para 65 (sessenta e cinco) idiomas, “marca que nenhum outro livro jamais alcançou” (EQUIPE LEYA BRASIL, 2021, p. 6). Foi traduzida para o português pela primeira vez por Wilson Velloso e publicada pela Companhia Editora Nacional em 1954 (FLECK, 2021, p. 11). Em 2009, foi publicada a primeira retradução de Heloísa Jahn e Alexandre Hubner e a mesma retradução foi republicada em 2019, em “edição especial” pela mesma Companhia das Letras. Desde já, apresentamos a retradução como a “segunda ou posterior tradução de um único texto fonte para a mesma língua-alvo¹” (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2010, p. 294²).

Entre janeiro e março de 2021, 10 (dez) retraduições foram publicadas no Brasil, pode-se dizer que, simultaneamente. Nas palavras de Anthony Pym, temos aqui retraduições ativas, já que compartilham um espaço socio-cultural semelhante e competem por um público-alvo, em princípio, similar (1998, p. 82). Tradutores distintos ocuparam-se destas retraduições de 1984. São eles: Aline Storto Pereira, tradutora e revisora; Karla Lima, tradutora, resenhista, preparadora, escritora e ghostwriter; Alexandre Barbosa de Souza, tradutor, editor e escritor; Renan Bernardo, tradutor e escritor; Antonio Xerxenesky, tradutor e escritor; Bruno Gambarotto, tradutor, editor e preparador de textos; Pedro Sette-Câmara, tradutor e intérprete; Ronaldo Bressane, tradutor, jornalista e escritor; Bruno Cobalchini Mattos, tradutor, jornalista e escritor; e, Debora Fleck, tradutora e revisora.

1984 é visto como um romance distópico que trata da existência asfixiante de indivíduos que vivem em um sistema autoritário e opressor. A história se passa em um futuro não muito distante, no qual o mundo encontra-se dividido em três grandes potências que se mantêm em guerra. Oceania, a maior entre as três, é dominada pelo Partido, cujo líder supremo, o Big Brother ou o Grande Irmão, monitora, grava e espiona os indivíduos 24 horas por dia, nos lugares mais íntimos dos lares, através do dispositivo denominado teletela. O líder supremo é, contudo, invisível e ninguém nunca o viu. Ainda assim, é onipresente e não existe lugar para a privacidade na Oceania. O personagem principal, Winston Smith, trabalha falsificando registros históricos, para moldar o passado à luz dos interesses do Partido. A previsão do livro era que, em pouco tempo, passaríamos a viver em um mundo estandardizado, frio, sem vida, em que as porções de suprimentos seriam controladas, somente o sexo com o objetivo da reprodução seria permitido pela lei (as relações amorosas são proibidas), todo tipo de oposição seria destruído e todo pensamento discordante vigiado, convertido ou eliminado.

Em razão de tais características, muitas das apresentações e resenhas que promovem 1984 destacam a relação da distopia de Orwell com o contexto contemporâneo. Em artigo na Revista Galileu on-line, por exemplo, Larissa Lopes (2018) afirma que “George Orwell se tornou uma fonte para compreender o presente através de sua distopia literária”. A apresentação on-line da Antofágica Editora apresenta 1984 como “obra fundamental sobre opressão e totalitarismo e possibilita inúmeros paralelos com o momento que vivemos, 70 anos depois”. A Novo Século, também em sua apresentação on-line, alerta que “para nossa época, a visão orwelliana não é uma sentença, e sim um alerta, pois aquele futuro pode – mas não precisa – ser o nosso presente”.

É relevante destacar, ademais, que em 2017, ano da posse do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, 1984 subiu ao topo da lista dos mais

¹ Todas as traduções dos idiomas inglês e francês inseridas neste artigo são de nossa responsabilidade.

² Embora não ignoremos que o conceito de retradução é objeto de discussão (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2010; AMARAL, 2013), não é nosso objetivo discuti-lo no presente artigo.

vendidos de uma loja virtual quando as fotos de sua cerimônia de posse foram editadas para que a multidão presente parecesse maior do que àquela presente à posse de Barack Obama. O episódio foi descrito por uma assessora de imprensa da Casa Branca como “fatos alternativos” (The New York Times, 26/01/2017). Sobre o Big Brother e o Partido, Orwell escreveu que “sua filosofia negava tacitamente não só a validade da experiência como a própria existência de uma realidade externa. A heresia das heresias era o senso comum” (2021, p. 104); “a sociedade oceânica se baseia na crença de que o Grande Irmão é onipotente e que o Partido é infalível” (2021, p. 244). Ou seja, assim como o Grande Irmão, a assessora de imprensa norte-americana negou a realidade externa, e pareceu, também ela, querer fazer o público-leitor acreditar que o governo norte-americano é onipotente, sendo capaz até mesmo de alterar fatos presenciados por uma multidão de viewers.

Parece inequívoco pensar que o fato da obra de Orwell ter entrado em domínio público em 01 de janeiro de 2021 foi o fator preponderante a motivar as numerosas retraduzições. Entretanto, a insistência na relação do romance com o contexto atual lança dúvidas sobre o valor absoluto e incontestável da primeira explicação. Na verdade, cremos que ela está relacionada a outros motivos e a investigação minuciosa sobre tal relação ajuda a esclarecer o verdadeiro boom de retraduzições que surpreende até tradutores experientes acostumados a justificar a retradução com a já conhecida frase “traduções envelhecem” (D’AGUIAR, 2021). Este artigo pretende explorar os fatores que contribuíram para que a distopia de Orwell alcançasse o número inaudito de retraduzições em português (brasileiro) no início do ano de 2021. Através da análise das razões discutidas por teóricos contemporâneos para compreender a publicação de retraduzições (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2003; 2010; 2019; CADERA, 2016; VAN POUCKE & GALLEGU, 2019), procuramos interpretar as razões que movem a reescrita de uma obra vista como clássica. Para tal, analisamos paratextos (GENETTE, 2011), ou seja, elementos que circundam

o livro, tais como prefácio, entrevistas, resenhas, e que tem como objetivo apresentá-lo ao público leitor. Genette subdivide o paratexto em duas categorias: peritexto e epitexto. O peritexto está em torno do texto no espaço do livro, como o prefácio e o posfácio. O epitexto também está em torno do texto, mas à distância, apoiado em um suporte midiático, como as entrevistas, debates e resenhas (CARNEIRO, 2014, p.71-72) que circundam a obra de George Orwell que é tema deste artigo.

Concentramos nossa análise nos peritextos e epitextos que nos auxiliam a compreender as razões que levaram 10 editoras e tradutores distintos a assumir o projeto de tradução de um mesmo original já traduzido no mínimo duas outras vezes. Nossa análise concentra-se nos prefácios de tradutores, nos quais esses profissionais buscam “falar sobre seu trabalho, seja apresentando e justificando seu projeto tradutório, seja apontando alguns dos desafios enfrentados e as soluções encontradas” (PESSOA, 2016, p. 21); nas apresentações escritas por indivíduos escolhidos por editores para fornecer informações sobre a obra, sobre o autor, sobre a tradução ou sobre o projeto tradutório; e nos debates promovidos por editoras e transmitidos via YouTube que promovem 1984, a obra traduzida e publicada quase simultaneamente por 10 editoras distintas em 2021. Destacamos que não é nosso objetivo, no presente artigo, por questões de ordem prática, analisar os textos traduzidos em si, ou cotejá-los.

Nas seções que se seguem, discutimos os motivos que levam à opção por esse tipo de reescrita. Paralelamente, abordamos o caso de 1984, de George Orwell, relacionando-o às razões apresentadas por tradutores e outros profissionais que apresentam a obra. Na seção seguinte, apresentamos nossas considerações finais tecidas a partir da análise dos paratextos que acompanham as retraduzições da distopia orwelliana.

Antes de iniciar a apresentação do estudo de caso sobre a obra de Orwell, julgamos relevante justificar nossa escolha por esse tipo de metodologia ainda que em um dos estudos mais recentes sobre o qual temos notícia, Kaisa Koskinen e Outi Paloposki

(2019) argumentem que a investigação arqueológica permitiu a expansão de sua pesquisa, antes restrita aos casos únicos (p. 40). Ademais, os dados arqueológicos possibilitaram concluir que “a retradução é um fenômeno normal e generalizado, mas a não-retradução pode ser mais significativa e rara do que a retradução e isso cria uma nova perspectiva para todos os estudos de caso existentes e futuros” (p. 40). As estudiosas concluem, portanto, que a arqueologia das retraduições oportuniza a pesquisa além dos estudos de caso, com obtenção de conhecimento de viés diacrônico e, também, sincrônico (p. 41). Contudo, julgamos que, como no caso das 10 (dez) publicações simultâneas das retraduições de 1984, o estudo do caso tão singular e, por isso, premente, impõe-se como metodologia, já que propicia uma análise detalhada de uma unidade particular e complexa, como aquela que se apresentou a nós, estudiosos da retradução, no início do ano de 2021.

2. Por que retraduzir?

Quando Isabelle Colombat proclamou o século XXI como a “Era da Retradução” (VAN POUCKE, 2019, p. 10), não poderia ter previsto a voracidade de editores, tais como aqueles que promoveram a publicação simultânea de 10 (dez) retraduições de 1984 no Brasil. Segundo Van Poucke, os motivos da previsão foram outros: “o envelhecimento dos textos traduzidos anteriormente, considerações ideológicas relacionadas à mudança das normas culturais, e a busca incessante da tradução perfeita” (p. 10). Como é sabido, “a ideia de que a tradução envelhece é amplamente corrente” (CARDOSO, 2018, p. 16, grifo do autor). Além disso, Colombat destaca a ideia da “tradução perfeita” de Antoine Berman, para quem um texto é retraduzido porque há algo na primeira tradução que o tradutor “recusa, não aceita” (OSEKI-DEPRÉ, 2021), já que ela sempre é “desajeitada” (BERMAN, 1990, p. 4). A retradução dialoga (ainda que em silêncio) com a tradução anterior, e restaura, corrige, explora a língua-alvo em busca de novas soluções e sentidos, ou ainda, busca a “tradução perfeita”.

A revista *Palimpsestes* de 1990 trouxe em seu prefácio um texto de Paul Bensimon em que o autor descreve a primeira tradução como “naturalização da obra estrangeira” (1990, p. ix) que busca assegurar uma boa recepção do texto traduzido pela cultura alvo. Retraduições posteriores, livres da obrigatoriedade de procurar uma boa acolhida do público leitor estrangeiro, procuram aproximar-se do exotismo do texto original. As ideias de Bensimon e de Berman dão origem à “hipótese da retradução”, explicitamente formulada por Yves Gambier (1994, p. 414): “uma primeira tradução tende sempre a ser mais domesticadora, tende a reduzir a alteridade em nome de exigências culturais ou editoriais [...]. A retradução, nesta perspectiva, representaria um regresso ao texto-fonte”. Ela ilumina o original escondido pela tradução anterior e restaura o significado. De fato, Deane-Cox argumenta que está implícita na hipótese da retradução “que a força reiterativa (e, portanto, realizada de maneira progressiva) da retradução trará a recuperação do texto original e de suas especificidades, sejam elas linguísticas ou culturais” (2016, p. 4).

Parece-nos evidente que a ideia de envelhecimento não se aplica ao caso das retraduições de 1984 lançadas no início de 2021. Simplesmente, não houve tempo para que o processo de envelhecimento de uma tradução anterior ocorresse, e a primeira tradução lançada em 1954 não é citada pelos tradutores durante as entrevistas e debates. Porém, ainda que os editores, preparadores de textos, revisores e tradutores, os intermediários que atuam durante o processo tradutório, pudessem não estar em busca da “grande tradução”, o lançamento de 10 (dez) retraduições por si só parece indicar uma discussão de sentidos, uma busca por outras soluções, minimamente distintas entre si. Pode-se citar, entretanto, que o texto de apresentação on-line da Equipe Leya Brasil faz referência a “nova e primorosa tradução de Debora Fleck” (grifo nosso) em uma alusão possível (mas não podemos dizer que provável) à ideia da “grande tradução”.

Julgamos interessante ainda destacar que uma das edições do boom de 2021 faz menção ao

regresso ao original de Orwell ao afirmar que “em 72 anos e centenas de traduções, alguns sentidos se perdem e é preciso que se revise o original em busca da **fidelidade extrema ao autor**” (texto da apresentação on-line da Editora Buzz; grifos nossos). Parece-nos aqui que o autor – anônimo – da apresentação da Buzz destaca o afastamento de traduções anteriores de sentidos pretendidos por Orwell e assume sua crença em um já criticado “‘culto’ ao logos – à razão, à lógica, à verdade, à ‘palavra divina’, livre de qualquer subjetividade” (ARROJO, 1992, p. 412), e a já criticada adesão à crença em um significado que pudesse se instalar no texto (original) e de lá pudesse ser resgatado incólume. Parece ainda apresentar-se como uma tradução verdadeira e afasta-se, ao mesmo tempo, da “hipótese da retradução” ao buscar a aproximação do original.

Embora possam achar-se poucos traços das noções veiculadas pela “hipótese da retradução” nos epítextos citados acima, acreditamos não ser possível afirmar que tão somente o envelhecimento da primeira tradução e o regresso ao texto fonte sejam as razões que se somam ao fato do domínio público recente para causar tantas retraduições publicadas simultaneamente. Na verdade, Koskinen e Paloposki (2003) declaram que “os perfis textuais das traduções não são determinados simplesmente pela ordem cronológica de seu aparecimento, mas respondem a uma série de razões e cenários diferentes” (p. 20). Da mesma forma, Susanne M. Cadera e Andrew Samuel Walsh revelam uma distância crítica da “hipótese da retradução” pois “os resultados de investigação coletiva refutam a hipótese” (2017, p. 2). Em resumo, Koskinen e Paloposki (2010) argumentam que “é provável que qualquer estudo de caso revele uma rede de causas variadas” (p. 296). Vejamos então outras razões reveladas por estudiosos da retradução e como elas se relacionam no caso aqui estudado.

Entre outros motivos discutidos por estudiosos da retradução está o grau de conhecimento sobre a obra, o autor e o contexto sócio-cultural originais que se amplia à medida que o período de tempo que separa a retradução da primeira tradução se avoluma (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2010, p. 298). A

compreensão que se aprofunda com o tempo promove a evolução do conhecimento enciclopédico daqueles que estão em posição intermediária entre a tradução e o seu usuário – tradutores e editores, em especial – e enriquece o produto final: a retradução. Desde que Wilson Velloso, o primeiro tradutor, produziu sua tradução de 1984, com acesso a uma quantidade menor de recursos para consulta que os tradutores contemporâneos hoje possuem, provavelmente pouco se podia saber, por exemplo, sobre a recepção à obra de George Orwell nos países de língua inglesa ou sobre as traduções de seus romances para outros idiomas e usufruir de algum tipo de conhecimento acumulado gradualmente. Depois de 70 (setenta) anos, quando a maioria das retraduições para a língua portuguesa foi largamente realizada, as leituras veiculadas sobre toda a obra de Orwell permitem inúmeras discussões e a ampliação do grau do conhecimento sobre o autor, a obra e o contexto sócio-cultural de origem é incontestável. Podemos citar, por exemplo, as várias publicações no Brasil sobre o autor e seu contexto de origem: Churchill e Orwell: a luta pela liberdade (2019), Orwell: um homem do nosso tempo (2020), A vitória de Orwell (2010), George Orwell: biografia intelectual de um guerrilheiro indesejado (2019), Uma vida em cartas (2013), George Orwell: uma biografia política (2010), cuja leitura de muitas formas pode contribuir para a percepção do escritor Orwell, de sua obra, do contexto sócio-cultural e assim enriquecer o processo tradutório e o produto da retradução, em consequência. No debate “Uma nova língua para Orwell: as novas traduções de 1984 e os desafios de se traduzir um clássico”, organizado pela Ed. Tordesilhas, Ronaldo Bressane afirmou ter relido vários livros de Orwell, além da biografia do autor. É improvável que as leituras, posteriores à publicação da primeira tradução de 1984, tenham deixado de afetar as traduções que se seguiram a ela. Notamos ainda que 4 (quatro) das publicações parecem preparar a entrada de Orwell em domínio público que aconteceria em janeiro de 2021. Para aprofundar o estudo desse impacto, parece importante realizar uma análise minuciosa dos textos traduzidos.

Contudo, essa análise e seus resultados estão fora do escopo deste artigo, como afirmamos na introdução.

Outra razão pode justificar as retraduições, além do grau de conhecimento sobre a obra: a falta de qualidade de traduções anteriores. Luise von Flotow (2009) discute o caso de tradutoras feministas que retraduzem a obra de Simone de Beauvoir e publicam críticas às traduções. A primeira tradutora, Barbara Klaw, demonstra cortes de seções bem como mudanças profundas e interpretações equivocadas do pensamento filosófico de Beauvoir. A segunda, Margaret Simons, demonstra a censura de trechos e a “tendência à edição de linguagem forte” (VON FLOTOW, 2009, p. 36). Destacamos aqui que esta pode ser, inclusive, uma estratégia utilizada pelos agentes envolvidos no processo de tradução com o objetivo de valorizar a retradução (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2010, p. 296). É o que parece ocorrer no caso das retraduições de 1984 lançadas no início de 2021, ainda que não haja críticas à primeira tradução. Já mencionado anteriormente, o ciclo de eventos que celebra a nova edição de 1984 – “Uma nova língua para Orwell: as novas traduções de 1984 e os desafios de se traduzir um clássico” – reuniu 5 (cinco) tradutores: Ronaldo Bressane (ed. Tordesilhas), Bruno Mattos (ed. Buzz), Antonio Xerxenesky (Antofágica ed.), Aline Storto (ed. Aleph), e Luisa Geisler (ed. Novo Século). Durante o evento, em vários momentos pode-se ouvir os profissionais de tradução elogiando-se entre si, ponderando que “há mercado para todos”, além de uma convocação final ao público-leitor a comprar e ler todas as traduções ali apresentadas. Em nenhum momento, a tradução de Wilson Velloso (1954) foi sequer mencionada. Pode-se entender tal apagamento como uma crítica camuflada à primeira tradução de 1984 publicada no Brasil que funcionou, por assim dizer, sozinha por mais de meio século.

Perspectivas alternativas à questão da falta de qualidade de traduções anteriores destacam o papel dos agentes envolvidos nas retraduições (COLOMBAT, 2004) bem como as razões econômicas e comerciais que orientam as publicações (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2003). Os agentes, indivíduos que estão “numa posição intermediária entre um tradutor e um

usuário final de uma tradução” (SAGER, 1994, p. 321), podem ser editores, revisores, preparadores de texto, leitores, e podem estar no início ou no final do processo tradutório. No caso de 1984 e as retraduições publicadas no início de 2021, é importante apontar que os tradutores possuem diferentes papéis em suas vidas profissionais. Em outras palavras, eles exercem agências distintas. Além de tradutores, são também revisores, preparadores de texto, escritores, intérpretes, jornalistas, editores, professores de teoria da literatura. Ou seja, um só tradutor amalgama funções e influências distintas, ligadas ao universo da literatura, na maioria das vezes. Esses papéis e influências agregam capital simbólico – “equivaleria ao status ocupado por esse agente” (MARTINS & ARAUJO, 2018, p. 5) e levam a editora, por exemplo, a registrar tão somente o nome do tradutor na capa do romance, já que ele é também escritor, foi escritor residente do International Writing Program da Universidade de Iowa, e doutor em teoria literária pela USP, caso de Antônio Xerxenesky, por exemplo. Ou seja, a expectativa é que o nome do tradutor em si agregue valor ao livro traduzido. As diferentes agências levam o tradutor a atuar em diferentes áreas e agregar conhecimentos distintos do setor editorial. Vários deles são, hoje em dia, donos de pequenas “editoras” e oferecem serviços variados incluindo o de ghostwriting. Tal amálgama de agências pode garantir também tradutores mais conscientes de seu papel transformador e mediador cultural.

Outra razão para a retradução deve ser acrescentada. Para Deane-Cox, “as retraduições serão atualizadas de acordo com a evolução das necessidades e expectativas do leitor alvo” (2016, p. 9). Acreditamos que quando 10 (dez) editoras lançam o mesmo título simultaneamente, o gesto é também resultado da observação do mercado realizada por especialistas em marketing editorial, cuja função é estudar, entender e atender às necessidades e aos desejos dos consumidores. A reação do mercado estadunidense à republicação de 1984, as muitas críticas favoráveis e as muitas análises relacionando-o ao momento político local fizeram da distopia orwelliana um bestseller. A relação com o momento

político no Brasil também é ressaltada nos muitos peritextos que acompanham as traduções lançadas em 2021, como mostraremos. Conclui-se, portanto, que as descobertas dos estudos de marketing podem ter levado ao entendimento que o público-leitor brasileiro carecia de textos que trouxessem a reflexão sobre o estado brasileiro e suas ações políticas recentes. É essencial destacar, ademais, a marcante casualidade: um romance distópico que tantos relacionam à situação vivida no país escrito por um autor que entra em domínio público.

A obra de George Orwell entrou em domínio público em 1 de janeiro de 2021, já que os direitos autorais sobre as obras expiram depois de 70 anos contados a partir do 1º de janeiro seguinte à morte do autor. Orwell viveu até 1950. Assim, parece evidente que as razões econômicas, tais como seu potencial comercial, orientam a publicação simultânea das retraduições de 1984 (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2003). É evidente que sem o pagamento dos direitos autorais, a publicação de uma revisão, por exemplo, dá lugar à publicação da retradução acompanhada por vários suplementos que agregam valor ao produto comercializado. Tal valor materializa-se de várias maneiras que vão desde a forma escolhida para comercializar o livro, os brindes que são adicionados até os nomes escolhidos para produzir os peritextos. O investimento dos editores nas retraduições, em alguns casos, parece-nos significativo. Vamos a algumas dessas materializações e os sentidos que podem expressar.

A editora Novo Século apresenta “as mais importantes obras do renomado autor reunidas em um box especial”. O box intitula-se “O horizonte de George Orwell” e as obras ali reunidas são *A revolução dos bichos* e *1984*, ambas traduzidas por Luisa Geisler. Acreditamos que a acomodação dos dois livros em um único box deseja revelar um trabalho de combinação de algum tipo de relação entre as duas obras de Orwell, sem que, no entanto, qualquer elo seja explicitado. Especulações nos levam à natureza ideológica dos romances e o apelo à biografia política de George Orwell. O box inclui ainda dois brindes: um marcador e um pôster. O box traz também um

suplemento de leitura com textos de “importantes nomes brasileiros como o escritor Samir Machado de Machado, o diretor de teatro Zé Henrique de Paula, a professora e pesquisadora Caroline Valada Becker, a artista e designer Paula Cruz e o jornalista e crítico de cinema Roberto Sadovski”. A professora e pesquisadora Caroline Valada Becker é doutora em Letras, com tese de doutorado intitulada “Inscrições Distópicas no Romance Português do Século XXI” e a escolha de seu nome parece remeter leitores ao mundo literário atual, além do gênero literário. Outros nomes escolhidos parecem querer ratificar a inscrição do romance orwelliano na galeria dos clássicos da literatura. Diretor de teatro e jornalista e crítico de cinema remetem leitores às adaptações da obra a essas mídias.

É significativo destacar outro peritexto que potencializa a comercialização ao mesmo tempo que procura acentuar a relação da obra com o momento atual brasileiro: a apresentação escrita pelo ator, roteirista, humorista e escritor Gregório Duvivier para a tradução de Antônio Xerxenesky publicada pela Antofágica Editora. Duvivier inicia seu texto tratando de acontecimentos que marcam tão profundamente um ano da história que apagam todos os outros. 1984, de seu ponto de vista, “virou um ano ficcional” (DUVIVIER, 2021, pos. 231), assim como 1789 é o ano da Revolução Francesa, 1968 é o dos protestos estudantis, 1929 é o da crise e 1964 é o ano do golpe no Brasil. Em seguida, cita Italo Calvino e sua conhecida tese sobre os clássicos e reconhece 1984 na definição. Duvivier vê a teletela como um prenúncio da internet, e o Ministério da Verdade como o “nosso gabinete do ódio” (DUVIVIER, 2021, pos. 245). Os dois minutos do ódio do romance de Orwell são vistos por alguns como a “cultura do cancelamento” ou o “Tribunal do Feicebuque” (DUVIVIER, 2021, pos. 248). Em outras palavras, Duvivier reforça a classificação de 1984 como um clássico assim como estabelece uma relação bastante clara entre o romance de Orwell e a realidade atual, não só a brasileira.

Os peritextos, as escolhas dos autores desses textos, brindes e outros atrativos parecem intensificar as tentativas de tornar 1984 ao mesmo tempo um

clássico, uma obra comercial e ainda mais popular. Contudo, parece-nos curioso que apenas um dos lançamentos valorize a tradução, como mostramos no início desta seção. Tal atitude parece contrariar o fato de que 10 (dez) retraduições foram publicadas e que, como afirma Lawrence Venuti, as retraduições agregam valor ao texto retraduzido (2013, pos. 2555). Embora várias atividades tenham sido promovidas envolvendo tradutores, poucas vezes o trabalho de tradução propriamente dito foi alvo da discussão. Sobre o trabalho de tradução nos debates, é relevante apontar o possível distanciamento do texto original caracterizado como “rebuscado” e a elaboração de uma “tradução muito acessível que um jovem hoje vai se empolgar como [o tradutor se empolgou] no passado com uma tradução pocket da LP&M” (XERXENESKY, 2021). É curioso que o tradutor se remeta à própria leitura e à própria recepção do texto de Orwell ao elaborar a tradução. Como comenta David Bellos, os tradutores “procuram preservar a força da declaração original [...] de uma maneira que seja apropriada ao contexto específico onde a segunda formulação será ouvida ou usada” (2001, p. 301). É usual, portanto, que tradutores procurem reproduzir a recepção dos leitores do texto original, ao contrário do que o tradutor de 1984 reporta. Parece-nos que Antônio Xerxenesky pretende emprestar a caneta do autor e dirigir a produção de um novo e original 1984.

É interessante ainda destacar o prefácio de Debora Fleck intitulado “Breves notas sobre a tradução” (2021, p. 11-15). Nele, a tradutora destaca o processo de consulta a traduções anteriores não só para o português como para o espanhol e o francês e a importância da consulta para a compreensão de “pontos mais complicados do romance” (FLECK, 2021, p. 13). De fato, Fleck apresenta o projeto tradutório, como nos mostra Pessoa (2016, p. 21), mas não comenta suas soluções. Ela apresenta modos que ajudaram a alcançá-las. É relevante realçar o projeto editorial da LEYA, o único que traz a língua – e a tradução – como ponto de destaque.

3. Considerações finais

Neste artigo procuramos tratar dos motivos que levam à retradução e à publicação quase simultâneas do romance distópico 1984 de George Orwell. Julgamos relevante abordá-las, já que a retradução é um tema ainda pouco explorado por estudiosos e, além disso, pareceu-nos que o número de publicações em um curto espaço temporal poderia produzir reflexões singulares tais como aquelas que apresentamos até aqui.

É importante enfatizar que, embora o estudo de um único caso possa camuflar, pelo interesse naquilo que é particular, a retradução ou a não-retradução como fenômenos difundidos e normais ou, ao contrário, raros (KOSKINEN & PALOPOSKI, 2019, p. 40), há eventos que se impõem como objetos de estudo. Este é o caso de 1984 e as 10 retraduições simultaneamente publicadas no Brasil desde janeiro de 2021. Acreditamos que é essencial que a prática da tradução e a da pesquisa na área procurem prosseguir, na medida do possível, em parceria. Procuramos pôr em prática essa crença ao produzir este artigo que versa sobre as razões que motivam as publicações simultâneas das reescritas de 1984 no Brasil em 2021.

Acentuamos que a questão cronológica não pode ser omitida quando o tema é a retradução, já que a retradução sempre é posterior a uma tradução. Em outras palavras, sempre haverá o envolvimento da questão temporal em maior ou menor escala. Contudo, o caso que aqui analisamos causa interesse especial e, ao nosso ver, maior fascínio pela simultaneidade espaço-temporal entre a publicação das retraduições aparentemente inédita no Brasil, em particular. Em consulta informal por e-mail, pudemos descobrir apenas um evento que na verdade guarda pouca semelhança com o caso em tela: no biênio 2019-2020, houve 5 (cinco) retraduições de Hamlet (MARTINS, e-mail pessoal, 06/04/2021). Já as traduções propriamente ditas, parecem ter ocorrido em momentos diversos. Em mesa da FLIMA 2021, Antônio Xerxenesky declarou ter traduzido o romance durante o ano de 2019. Por outro lado, no debate organizado pela Ed. Tordesilhas, Bruno Cobalchini Mattos expôs o “atraso” no início da tradução: setembro de 2020. Em seu prefácio, a tradutora Débora Fleck afirma ter

recebido a proposta para traduzir 1984 em junho de 2020 (2021, p. 11).

Parece importante destacar também o papel que as mídias sociais exercem na valorização das traduções, e ainda maior, da imagem dos agentes, já que podem alçá-los, e ao tradutor, em especial, a um status superior dando visibilidade a um profissional, até há pouco tempo, desconhecido do público-leitor e, em consequência pouco valorizado por esse público. Uma das características dos tempos da pandemia COVID-19 é o grande número de atividades realizadas por meio de plataformas virtuais de ensino e de compartilhamento de vídeos. No caso das retraduições de 1984 publicadas no início de 2021, o lançamento oportunizou também debates entre tradutores, tradutores e adaptadores, entrevistas com um ou mais tradutores transmitidas ao vivo através do YouTube e lá compartilhadas para consulta dos internautas. Ao propiciar a visibilidade do tradutor, as mídias sociais colaboram com o destaque dos profissionais envolvidos no processo tradutório, já que durante os debates, os próprios tradutores procuram descrever a “rede de agentes (indivíduos e grupos), cada qual com uma tarefa própria que existe para que a atividade tradutória se realize” (MARTINS & ARAÚJO, 2018, p. 3). Pouco se sabe sobre a tarefa dos múltiplos agentes envolvidos nesse processo complexo que começa quando o editor decide encomendar a tradução de um livro. As mídias sociais e o agente que é visível nas redes – até aqui os tradutores em especial – têm um papel essencial na visibilização daqueles outros agentes – editores, preparadores de texto, revisores, para mencionar alguns – envolvidos no processo tradutório. Uma dessas redes, a plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, proporciona até hoje 557 (quinhentas e cinquenta e sete) visualizações do debate organizado pela Ed. Tordesilhas. Um número significativo se considerarmos que a tradução em si não tem sido tema de discussões do público em geral, tampouco tema de debates transmitidos para o grande público.

Finalmente, observamos que há uma relação entre as causas que motivam as retraduições. Entretanto, parece que a relação fortuita entre duas

causas se sobrepõe às demais: o fato de que o autor entrou em domínio público em janeiro de 2021 propicia o investimento em paratextos e brindes elaborados e enfatiza a exploração comercial e econômica da associação de 1984 ao momento político vivido pela sociedade brasileira e, por que não dizer, mundial.

REFERÊNCIAS

AMARAL, VITOR ALEVATO DO. Broadening the notion of retranslation. *Cadernos de Tradução*, Santa Catarina, vol. 39, n. 1, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39n1p239/38248> Acesso em 10 abr. 2021.

ARAÚJO, Lana Beth A. F. de & MARTINS, Marcia A. P. Um olhar sociológico sobre a tradução. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 34, 2018. Disponível em <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/468/470>. Acesso em 20 abr. 2021.

ARROJO, Rosemary. Tradução. In: JOBIM, José Luis, *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992, p. 411-442.

BELLOS, David. *Is that a fish in your ear? Translation and the meaning of everything*. Nova York: Faber and Faber, 2011.

BENSIMON, Paul. *Présentation*. *Palimpsestes*, vol. 4, 1990, pp. ix–xiii.

BERMAN, Antoine. *La retraduction comme espace de traduction*. *Palimpsestes*, vol. 4, 1990, pp. 1–7.

CADERA, Susanne M. & WALSH, Andrew Samuel (orgs.). *Literary Retranslation In Context*. Oxford: Peter Lang, 2017.

CARNEIRO, Teresa Dias. *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX*. 2014. 396 f. (Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

COLLOMBAT, Isabelle. *Le XXIe siècle: l'âge de la retraduction*. *Translation Studies in the new Millennium*, vol. 2, 2004, p. 1-15.

D'AGUIAR, ROSA FREIRE. *Conversa com Rosa Freire D'Aguiar (1h2min26s)*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aGjG9y7c5h8&t=1s> Acesso em 20 abr. 2021.

DEANE-COX, Sharon. *Retranslation. Translation, Literature and Reinterpretation*. Londres: Bloomsbury Academic, 2014.

DUVIVIER, Gregório. Apresentação. In: ORWELL, George. 1984. Tradução Antônio Xerxenesky. Rio de Janeiro: Antofágica Editora, 2021, p. 13-15. Edição kindle.

EQUIPE LEYA BRASIL. Por que fazer uma nova edição de 1984? In: ORWELL, George. 1984. Tradução Debora Fleck. São Paulo: Casa dos Mundos Produção Editorial e Games, 2021, p. 6-10.

FLECK, Debora. Breves notas sobre a tradução. In: ORWELL, George. 1984. Tradução Debora Fleck. São Paulo: Casa dos Mundos Produção Editorial e Games, 2021, p. 11-15. Edição kindle.

GAMBIER, Yves. La Retraduction, retour et detour. *Meta*, vol. 39, n. 3, 1994, p. 413-417.

GENETTE, G. Paratextos editoriais. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

KOSKINEN, Kaisa & PALOPOSKI, Outi. New directions for retranslation research: lessons learned from the archaeology of retranlations in the Finish literary system. *Cadernos de Tradução*, Santa Catarina, vol. 39, n. 1, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39n1p23/38239>. Acesso em 1 abr. 2021.

KOSKINEN, Kaisa & PALOPOSKI, Outi. Retranslation. In: GAMBIER, Yves & DOORSLAER, Luc van. *Handbook of Translation Studies*, vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 294-298.

KOSKINEN, Kaisa & PALOPOSKI, Outi. Retranslation in the age of digital reproduction. *Cadernos de Tradução*, Santa Catarina, vol. 1, n. 11, 2003. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6175/5730>. Acesso em 1 abr. 2021.

LOPES, Larissa. 8 fatos sobre George Orwell, autor de 'A Revolução dos Bichos' e '1984', 2018. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/06/8-fatos-sobre-george-orwell-autor-de-revolucao-dos-bichos-e-1984.html>

MARTINS, Marcia A. P. [e-mail enviado à autora do presente artigo]. Destinatário: aliceenglishuerj@gmail.com. Rio de Janeiro, 6 abr. 2021. 1 e-mail. E-mail pessoal. Acesso restrito.

ORWELL, George. 1984. Tradução por Debora Fleck. São Paulo: Casa dos Mundos Produção Editorial e Games, 2021. Edição kindle.

ORWELL, George. 1984. Tradução por Antônio Xerxenesky. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021. Edição kindle.

ORWELL, George. 1984. Tradução por Wilson Veloso. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1954.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. 2021. Versa – Núcleo de pesquisa em tradução (1h26min24s). "Oralidade na

na tradução de Meu Tio Iauareté de Guimarães Rosa". Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Rb8Bhi_XaBo&t=3032s Acesso em 31 mar. 2021.

PESSOA, Mariluce Filizola Carneiro. O paratexto e a visibilidade do tradutor. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PYM, Anthony. *Method in translation history*. Londres: Routledge, 1998.

SAGER, Juan C. *Language Engineering and Translation: Consequences of Automation*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

VAN POUCKE, Piet & GALLEGÓ, Guillermo Sanz. Retranslation in context. *Cadernos de Tradução*, Santa Catarina, vol. 39, n. 1, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39n1p10/38238> Acesso em 10 abr. 2021.

VENUTI, Lawrence. *Translation changes everything. Theory and practice*. Londres: Routledge, 2013. Edição kindle.

VON FLOTOW, Luise. This time "the translation is beautiful, smooth and true": theorizing retranslation with the help of Beauvoir". *French Literature Series*, vol. XXXVI, 2009. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/233669035_This_Time_the_Translation_is_Beautiful_Smooth_and_True_Theorizing_Retranslation_with_the_Help_of_Beauvoir Acesso em 1 abr. 2021.

XERXENESKY, Antônio. 2021. Participação em debate transmitido via youtube (1h36min34s). "Uma nova língua para Orwell: as novas traduções de 1984 e os desafios de se traduzir um clássico". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8or9BIViJc&t=1450s> Acesso em 15 abr. 2021.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. Por que retraduzir? Um estudo do caso de 1984 de George Orwell. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 46, n. 87, sep. 2021. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/16524>>. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v46i87.16524>.